

#Lulalivre: emoções, ritmo e estratégia em movimento¹

João Vicente Marques Lagüéns

PPGAS - Museu Nacional/UFRJ

Trajetórias que se cruzam

Como muitos daqueles que depois viria a conhecer na resistência #Lulalivre, assim que foi anunciada a ordem de prisão de Lula, me despenquei para São Bernardo do Campo sem saber bem no que aquilo ia dar. Peguei um ônibus na madrugada de quinta para sexta-feira. Passei a sexta-feira entre angústia, na expectativa de que a tropa de choque viesse garantir a prisão, o medo, já que o contingente que se aglomerava não seria capaz de resistir à polícia e seríamos massacrados, a alegria, por conhecer o gigantesco prédio do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e descobrir a quantidade de gente que cabia ali dentro, a euforia e o sobressalto de tomar parte num momento histórico, sem saber do seu desfecho. Indispensável também era o conforto dos abraços de amigos e amigas reconhecidos na pequena multidão. Enquanto nos defrontávamos com essas emoções Lula decidiu enfrentar a ordem de prisão com aquilo que melhor sabe fazer na vida: iria negociar. Nomeou um companheiro de longa data para a função, estabeleceu as condições do local em que ficaria preso, a forma da prisão e conseguiu o tempo para realizar, na manhã seguinte, um ato político que marcaria a história.

Coincidindo com a data de aniversário de sua esposa, falecida alguns meses antes, a missa programada por Lula se transformou em ato ecumênico e daí em comício. Começou seu discurso anunciando o número 25.986, sua de matrícula naquele sindicato, para dizer que ainda era um metalúrgico de São Bernardo do campo e, ao longo de aproximadamente uma hora, percorreu alguns dos pontos mais marcantes da sua trajetória. Destacou o aprendizado junto com os companheiros, quando atuou no sindicato, especialmente nas situações de tensão e enfrentamento. Listou as realizações

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

dos seus governos, as políticas sociais, criação de universidades, combate à fome... Vociferou contra a injustiça de sua condenação e os responsáveis pelo processo.

Mais do que ocasião para um discurso, produzia-se um ritual que congregava aqueles que vinham por Lula, para interceder por ele, com sua solidariedade e presença. Para mim, filho de um ex-padre militante de esquerda, uma missa como ato político era mais do que familiar. O ato tinha sido aberto e era coordenado pelo antigo Bispo de São Bernardo do Campo, que acompanhara as greves de 79-80. Personagens e atos remetiam a momentos marcantes da trajetória de qualquer um que acompanhou a história da esquerda brasileira no período em que Lula fez parte dela. Dilma leu a Oração de São Francisco (que minha mãe cantava para eu dormi), Depois a Carta aos Coríntios. Todas as músicas já tinham sido grito de guerra ou de festa, Maria Maria (e Milton Nascimento) remetia a à campanha das diretas. Dezenas de refrões, do povo sem medo, do MTST, do 'povo unido, jamais será vencido', das greves do ABC. A sequência incessantemente interrompida por gritos pedindo a Lula para não se entregar. Ninguém parecia querer escapar ao caráter religioso do ato. Sorrimos, choramos, seguramos o choro, soluçamos, choramos de novo, como que em uníssono.

O ápice do ato chegou com fórmula que concluía sua epopéia: Lula deixava de ser uma pessoa para tornar-se uma idéia. Naquele momento, ele se entregava ao carrasco e conclamava aos que o ouviam a assumir seu lugar: quando minhas pernas não puderem mais andar, quando não puder mais falar, quando meu coração deixar de bater, andem e falem por mim, façam que meu coração bata no peito de vocês. Da platéia surgiu o grito que se tornaria refrão: "eu sou Lula"².

Resolvi narrar a prisão de Lula assim, em primeira pessoa e descrevendo meus próprios sentimentos porque todas as pessoas mais próximas do presidente fizeram questão de fazer o mesmo quando conversavam comigo. Creio que este fato revela algo importante sobre as emoções ali mobilizadas. Em todas essas narrativas, a forma como os elementos da trajetória de Lula invocados naquele ato coincidiam e tocavam as histórias de vida de cada um dos que dele participavam era a chave para entender as

² Parece-me interessante pensar que Lula tenha construído um caminho alternativo para propor um política das multidões, chegando ao fim de sua trajetória à formulação que funda o EZLN: um movimento liderado por um sub-comandante, sem sobrenome, com rosto desconhecido, que no limite pode ser qualquer um (e se ele for preso ou morto, continuará sem ele) . Mas, ao contrário de projeto ou estratégia revolucionária, os "milhares de Lulas" são resultado (contingente) de uma trajetória concreta, em que a vida de Lula e a de milhares de pessoas se entrecruzam.

emoções que afloravam ali. E parece-me, ainda, que esta conexão entre a história de Lula e as biografias dos que se mobilizaram em sua defesa foi um dos elementos centrais para o enorme movimento que se desencadeou a partir de então.

Os vizinhos mais próximos do Presidente Lula

Tão automática quanto a mobilização no sindicato onde Lula aguardava a prisão, era a idéia de ocupar a área próxima ao prédio da Polícia Federal em que o Presidente seria preso, afinal *ocupações* e *acampamentos* são formas consagradas da luta política da esquerda e dos movimentos sociais que se juntavam ali. Aquele, no entanto, era um acampamento peculiar. Acampamentos e ocupações duradouras são tecnologias de mobilização que, além da pressão e demonstração pública, servem para desenvolver, entre os participantes, laços de identidade e vínculos afetivos, através das trajetórias e situação de vida comum e intensa convivência cotidiana.

Naquele acampamento havia tudo, menos trajetórias semelhantes e, para os objetivos políticos do movimento, ao contrário de reforçar a semelhança, era importante demarcar as diferenças. Pessoas e movimentos mais ou menos organizados afluíam com suas bandeiras, estilos, modos de vestir, usos do corpo, corpos... Cheguei a Curitiba 4 dias depois de Lula, no ônibus do PT de São Bernardo e já havia, acampadas em 5 ou 6 ruas próximas à Polícia Federal, aproximadamente mil pessoas. O entorno das barracas do meu grupo dá idéia da composição deste acampamento. Havia, num raio de 50 metros barracas da UJS, de uma organização feminista (jovens), um grupo do DCE da UFMG, a barraca do MST que armazenava as doações de comida para o acampamento, as barracas e uma 'central de comunicação' do PCO, barracas do sindicato dos metalúrgicos do ABC, outra do sindicato dos químicos, umas tantas barracas de pessoas não identificadas com nenhuma dessas unidades, além de um carrinho que vendia um sanduíche de pernil delicioso. A mesma diversidade se espalhava por 5 ou 6 quadras e, além dos acampados, o acampamento recebia a visita de algumas centenas de pessoas nos finais de semana e finais de tarde. As atividades públicas do acampamento - uma sequência falas, cantoria, batucada, esquetes teatrais além dos gritos coletivos de Bom dia, boa tarde e boa noite Presidente Lula, que tornaram-se marcas do acampamento - se concentravam na esquina mais próxima ao prédio da PF batizada de praça Olga Benário. Completavam a ocupação, uma central para imprensa, um local de atendimento médico e duas cozinhas, que serviam almoço e jantar para os acampados.

Muitos dos grupos acampados (como o nosso, do pessoal de São Bernardo) tinham e eram identificados por suas cozinhas (pra lá de improvisadas), que rapidamente tornaram-se espaços de encontros, conversas e confraternização. Nesse clima de improviso, era comum pegar parte da comida num lugar e completar o prato em uma cozinha vizinha. As cozinhas, a comida e, especialmente, a possibilidade de parar para tomar um cafezinho, uma água e descansar debaixo de uma barraca eram o suporte para uma das principais atividades de quem está no acampamento: visitar uns aos outros. E falar de política - é claro. O que mais chamava atenção era a enorme diversidade de grupos, movimentos e trajetórias pessoais e, para quem tinha maior experiência como movimentos sociais, a singularidade daquela experiência. A diversidade das histórias pessoais afastava rapidamente a imagem estereotipada que poderíamos fazer dos movimentos e de seus militantes e, certamente foi um dos elementos que permitiu que ali se estabelecessem inúmeras conexões. Para o PT e movimentos como MST e CUT a mobilização desencadeada após a prisão de Lula sinalizavam uma retomada da capacidade de mobilização popular que não era vista a há alguns anos³. Os que estavam ali não eram, necessariamente, militantes com longa trajetória ou profundamente engajados nos movimentos, mas tinham trajetórias pessoais e identificação com a esquerda. Para muitos, a prisão de Lula teve sentido disruptivo, como "gota d'água" que exigia uma ação, não podiam mais sofrer ataques do campo da direita sem se manifestar. Para militantes mais experimentados, significava um momento em que estavam sendo postos em xeque, já que junto com a prisão de Lula era sua própria trajetória militante que estava sendo criminalizada. Ao mesmo tempo, a intensidade, novidade e a mobilização provocada, criavam oportunidade de reaproximação e reinvenção de sua atividade militante.

Embora fosse uma experiência empolgante era evidente que aquele acampamento não poderia permanecer ali, daquela forma, por muito tempo. É claro que um acampamento tem por objetivo causar incômodo e deve atrapalhar, mas mil pessoas amontoadas nas calçadas de 5 ou 6 ruas de um bairro de subúrbio causava inúmeras tensões (com os vizinhos e entre os 'militantes'). E, desde o início da ocupação, foram se desenhando soluções para manter o movimento.

³ Muitos analistas do PT sinalizam o início dessa retomada um pouco antes, na inauguração da transposição do São Francisco, momento a partir do qual Lula voltou a promover caravanas pelo país e promover atos de rua.

Bem no início da ocupação, as organizações mais fortes que compunham o movimento - PT, CUT e MST, junto com o MAB - constituíram um grupo dirigente responsável pelo movimento, que passou a ser referido como coordenação da *Vigília Lulalivre* (nome oficial dado ao movimento). Esse grupo assumiu a negociação com os agentes do Estado e as tarefas de organização e gestão de conflitos. Um passo importante para negociação e para manutenção do movimento quando fosse forçada a desocupação das ruas, foi o aluguel de um terreno na lateral ao prédio da PF, hoje Sede da Vigília, onde acontecem as atividades públicas (como debates e palestras), os bom dia, boa tarde boa noite e onde muitos militantes passam boa parte do dia.

Por outro lado as pessoas foram construindo saídas para questões cotidianas. Já nos primeiros dias um dos únicos moradores da vizinhança simpáticos ao movimento abriu sua casa para que os acampados pudessem tomar banho e carregar a bateria do celular (cobrando pequenas taxas de 3 e 4 reais pelos serviços). Pouco depois, sua mãe e irmã, que vivem em uma casa próxima, também abririam as portas para o movimento, alugando espaço no quintal para alguns militantes que pareciam decididos a permanecer até que Lula fosse libertado. Dois destes militantes, que até então não se conheciam, decidiram assumir a função de 'tocar a cozinha' que servia almoço aos militantes, convencendo a dona da casa a permitir a que ela fosse instalada em sua varanda, e a dirigentes de organizações a assumir os custos de aluguel e manutenção da cozinha. O espaço ganhou o nome de Marielle Franco e, oferecendo café, água e sombra, tornou-se um espaço para longas conversas,... e trocas entre os militantes.

Através de arranjos semelhantes a este, o povo do Lulalivre foi criando espaços na vizinhança da Polícia Federal em Curitiba. O grupo que, mesmo sob pressão, por mais tempo se manteve acampado na rua, conseguiu alugar um terreno a algumas quadras do prédio da polícia e formou o acampamento Mariza Letícia. Organizações de mídia alternativa (como Fora do Eixo e Mídia Ninja) alugaram uma casa - a "casa da democracia" - que se mantém aberta como espaço de trabalho para os mídia-ativistas e aloja os membros dos movimentos que a mantém. Na casa onde já funcionou uma creche foi montado um alojamento para militantes dos MST, que chegam em excursões regulares, trazidos de diversos assentamentos. O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC alugou uma casinha nos fundos da casa onde funcionava a cozinha e estabeleceu ali um alojamento mais permanente (que tornou-se também meu endereço em Curitiba). Militantes de outros sindicatos paulistas alugaram apartamentos na vizinhança que os

abrigam nos períodos que passam na vigília. Cada um desses espaços acabou desenvolvendo uma dinâmica própria e, depois de alguns meses de vigília, são percebidos quase como se fossem pequenos movimentos ou organizações. Seus arranjos não são necessariamente estáveis e a sua manutenção exige negociação constante. Os responsáveis pelo espaço Marielle Franco, depois de alguns meses, alugaram um novo terreno e, com a ajuda do MST, construíram ali, construíram uma nova cozinha e as instalações do que se tornou um centro de formação do Movimento.

Desde que o acampamento teve que desocupar as ruas, os participantes da vigília dividem seu tempo entre esses espaços. Pela manhã, a tarde e no início da noite, todos convergem para Vigília, para a saudação ao Presidente Lula. Depois muitos continuam por ali, acompanhando a programação diária de palestras, apresentações artísticas ou, simplesmente tocando violão ou conversando. Diariamente a vigília recebe visitas de pessoas de todo o país e, com frequência recebe intelectuais, políticos e personalidades que, além da solidariedade ao Presidente, devidamente registrada e divulgada por redes sociais, dedicam algumas horas a conversas com a militância. Certamente Curitiba nunca recebeu tantas personalidades importantes quanto nesse período, gerando cenas inusitadas, como ninguém dar bola para o Francis Hime ou perguntar quem é esse tal de Noam Chomsky. Depois de ir a vigília e das falas públicas, os visitantes são convidados a conhecer os diferentes espaços, apresentados a seus organizadores e muitas vezes ficam algum tempo em conversas mais descontraídas. Para quem passa dias por ali, na porta da cadeia, essas visitas ilustres e a circulação entre os diferentes espaços é essencial para dar sentido - e alguma graça - a sua permanência.

Conversas na vizinhança

Além dos mais famosos, há um conjunto de pessoas com longas trajetórias na política e em sindicatos que visitam regularmente a vigília, fazem parte da sua dinâmica cotidiana, já fizeram amigos por ali e aproveitam essas estadias para 'recarregar as energias com a militância', trocar informações sobre a política, avaliar a conjuntura. Essas pessoas costumam gerar em torno de si longas e animadas rodas de conversa. As mais interessantes aconteciam quando 'visitavam' conhecidos, no espaço Marielle ou no do sindicato. Encontros entre pessoas dos sindicatos de São Paulo e do MST, por exemplo, eram frequentes, para os dois lados geravam troca de idéias riquíssimas sobre a organização política das esquerdas, suas próprias trajetórias, os movimentos e o PT.

Muitos deles já me disseram que, ali, se reinventaram ou retomaram o gosto pela militância.

Não era apenas uma troca de experiências ou busca de afinidades, também estavam fazendo política. As conversas eram formas de se posicionar em relação aos colegas, a seus movimentos e 'também definir estratégias em relação a questões práticas que estavam em disputa naquele momento. Um tema frequente e especialmente importante para a avaliação do posicionamento dos interlocutores eram fatos e personagens da história política acompanhados por eles: De fato, a própria história política está também em constante elaboração. No episódio X, porque Dilma tomou essa decisão? Quem influenciou? O Lula se meteu? O que ele fez em relação a isso? Perguntas como essas ofereciam respostas sobre os interlocutores mas também podiam oferecer novo entendimento sobre os episódios e as relações entre os personagens em questão. Vale notar que uma conversa dessas não se restringe aos interlocutores daquele momento. Provavelmente será comentada com outras pessoas e influenciará a opinião que essas e outras terão de cada um ou em relação aos assuntos tratados. Por sinal, a circulação de comentários sobre as conversas que aconteciam na vigília era uma importante forma de fazer política ali, não só para os militantes acampados.

Com a aproximação do período de campanha, obviamente, as conversas se direcionaram para esse tema, especulando sobre as definições que estavam para ser tomadas: quem seria o substituto de Lula se sua candidatura fosse realmente impedida? E seu vice na chapa? quais alianças seriam construídas? Os candidatos em cada estado? Embora estivéssemos muito perto de Lula e todas as pessoas mais importantes para tomada de posição passassem pela vigília, não tinha-se ali acesso a informações privilegiadas - embora fosse um lugar privilegiado para ver e acompanhar a política.

A definição da definitiva nomeação de Haddad como candidato, substituindo Lula, dá um exemplo disso. No dia 1 de setembro o TSE definiu que Lula não poderia ser candidato dando prazo até o dia 12 para a substituição do nome da chapa (adiantando a data esperada para essa decisão). Avaliava-se a possibilidade de recurso, alguns defendiam que o nome de Lula deveria ser mantido mesmo depois desse prazo. Eu e outros colegas da vigília tentamos levantar informações a respeito. Da direção da vigília e da assessoria pessoal de Lula não saiu qualquer informação a não ser que Haddad e Gleise Hoffman viriam conversar com Lula na quinta-feira, dia 6, quando

eram permitidas as visitas (no feriado do dia 7 e no final de semana ninguém poderiam falar com o Presidente) . O encontro da quinta-feira foi longo e, na saída, ambos anunciaram que ainda não havia sido tomada a decisão. Neste final de semana, a imprensa e blogs de esquerda noticiavam que grupos do PT (especialmente a presidente, Gleise Hoffman) tinham resistência ao nome de Haddad e pressionava Lula para manter o próprio nome. Para quem acompanhava a vigília, no entanto, a situação parecia diferente. Dia 6 era também aniversário de Gleise Hoffman e foi organizada para ela uma pequena festinha no espaço Marielle. Na festa, ela falou publicamente e em algumas conversas pessoais que acompanhei que defendia a imediata nomeação de Haddad (e a decisão dependia apenas da avaliação de Lula de qual a melhor data). Eu sabia, pela assessoria de Lula, de um longo processo de aproximação de Haddad em relação ao Presidente e que este havia se comprometido a retirar a candidatura a qualquer momento se Lula desejasse. No dia 7 João Pedro Stedile foi à Vigília fazer uma "análise de conjuntura" e em sua fala argumentava que havia uma grande distância entre Lula e Haddad e que o Movimento teria de pressionar a Haddad, quando eleito, a fazer um governo mais parecido com de Lula.

Vê-se, assim, que as posições tomadas publicamente eram bem diferentes das noticiadas na imprensa. Não cabe perguntar qual era o real desejo de cada um desses atos, mas está claro que essas conversas e declarações feitas em publico eram formas de comunicar posições ou mandar recados. Gleise provavelmente calculava que poderia ser atribuída a ela a resistência ao nome de Haddad (boatos de que ela própria queria ser candidata tinham circulado alguns meses antes). Stédile provavelmente não poderia falar diretamente de sua desconfiança em Haddad sem causar tensão, mas poderia mandar recados ali, num local "periférico", longe da imprensa. A fidelidade de Haddad a Lula era conhecida no ciclo mais próximo do presidente, mas havia muita intriga a respeito em outros grupos do PT. assim, tínhamos ali, uma negociação que seria, em tese, interna à direção partidária, era elaborada através da vigília.

Bom, acho que essa multiplicidade de conversas, encontros, visitas, amizades e brigas, falas públicas e fofocas constituem o tecido do que é fazer política. E, nisso, se aproximam a "grande política", dos políticos profissionais que atuam nacionalmente, e a "pequena política" de militantes que, todos os dias, gritam bom dia, boa tarde e boa

noite para o presidente Lula. Ambas são feitas por gente, que com vontade, teimosia e determinação, falam e ouvem muito, perseguem propósitos que só podem ser alcançados levando em conta todos os outros, amigos e inimigos.

Certamente não temos milhares de Lulas, no sentido da extraordinária habilidade e inteligência política, mas esses seus vizinhos, de São Bernardo e de Curitiba, construíram formas de participar da política, aprendendo com ele e, principalmente, convivendo atentamente com quem faz política, sem medo de se meter no negócio dos grandes. Nesse sentido, está sendo criado ali bom punhado de Lulas.